

OMNIA

SAÚDE

Faculdades Adamantinenses Integradas (FAI)
www.fai.com.br

ZUANAZZI, Ana Carolina; EL KHOURI, Marjorie. A parte obscura de todos nós: reflexões sobre a perversão a partir do livro de Elisabeth Roudinesco. *Omnia Saúde*, v.11, n.2, p.76-89, 2014.

ISSN versão Online 2236-188X
ISSN versão Impressa 1806-6763

Recebido em: 23/10/2014
Revisado em: 04/12/2014
Aceito em: 19/12/2014

A PARTE OBSCURA DE TODOS NÓS: REFLEXÕES SOBRE A PERVERSÃO A PARTIR DO LIVRO DE ELISABETH ROUDINESCO

THE DARK PART OF ALL OF US: REFLECTIONS ABOUT THE PERVERSION FROM ELISABETH ROUDINESCO'S BOOK.

Ana Carolina Zuanazzi

Psicóloga (UEL)

Mestranda em Psicologia (USP)

Marjorie El Khouri

Psicóloga (USP)

Especialização em Atendimento Psicanalítico de Casal e de Família (Instituto Pieron)

Mestranda em Psicologia (USP)

RESUMO

O presente artigo teve como objetivo apresentar questões relacionadas à perversão tratadas pela historiadora e psicanalista Elisabeth Roudinesco no livro *A parte obscura de nós mesmo* relacionando a temática da estrutura perversa à teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott aliada ao questionamento das ideias iluministas de emancipação do homem pela razão. No capítulo “*As confissões de Auschwitz*”, Roudinesco traz reflexões sobre a perversão complementares às apresentadas por autores psicanalistas e filósofos como Freud e Foucault. É levantado o questionamento referente a barbárie acontecida em um dos países mais civilizados do ocidente. Argumenta-se que a teoria de Winnicott sobre os primeiros momentos do desenvolvimento emocional do bebê traz contribuições relevantes para se pensar a questão da perversão no contexto psicanalítico e contemporâneo. Compreende-se que falhas constantes do ambiente causam marcas profundas e interrompem o desenvolvimento saudável do bebê que, posteriormente, pode vir a exercer tentativas de recuperar aquilo que lhe foi tirado. Aliado a isso, entende-se que a experiência cultural e vivência da criatividade são possibilidades de um desenvolvimento emocional mais saudável.

Palavras-Chave: Winnicott, Desenvolvimento Emocional, Perversão, Psicanálise, Experiência Cultural.

ABSTRACT

This article aims to present issues related to the perversion treated by the historian and psychoanalyst Elisabeth Roudinesco in her book “*The dark part of ourselves*” relating the theme of perverse structure to Winnicott's theory of emotional development allied to the questioning of

illuminists ideas of emancipation of man by reason. In the chapter "*The confessions of Auschwitz*", Roudinesco reflects on the complementary perversion present to psychoanalysts by authors and philosophers like Freud and Foucault. It raised the question regarding the barbarity that took place in one of the most civilized countries of the West. It follows that Winnicott's theory about the first moments of emotional development of the baby brings outstanding contributions to think about the question of perversion in psychoanalysis and contemporary context. It is understood that environmental constant failures cause deep scars and interrupt the healthy development of the baby, which, later, could exercise attempts to recover what has been taken away. Allied to this, we understand that the experience culture and creativity experience are possibilities of a healthy emotional development.

Keywords: Winnicott; Emotional Development; Perversion; Psychoanalysis; Experience Culture.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve como objetivo apresentar questões relacionadas à perversão tratadas no capítulo "As confissões de Auschwitz" do livro "A parte obscura de nós mesmo" de Elisabeth Roudinesco (1944/2008) e apresentar, complementarmente, aproximações sobre o tema encontradas na teoria Winnicottiana.

Elisabeth Roudinesco, historiadora e psicanalista francesa, escreveu um livro que pretendeu refletir sobre a história da perversão ao longo dos séculos em diferentes momentos históricos da humanidade. O livro intitulado "A parte obscura de nós mesmos" publicado originalmente em francês (*La part obscure de nous-mêmes*) em 1944 traz relatos históricos e interpretações de filósofos como Hannah Arendt e da própria autora sobre diversos eventos e fatos que tem como traço comum ações marcadas por uma maldade e perversidade que podem ser considerados aberrantes e chocantes.

Ao longo dos capítulos são apresentadas figuras históricas como o Marquês de Sade, considerado o "príncipe dos perversos" que buscou uma ruptura constante das leis sociais através de livros que prezavam pela sodomia e pela prática de atos incestuosos. Outra figura emblemática, que será tratada mais profundamente no presente estudo, é Rudolf Höss, comandante de Auschwitz, responsável por milhares de extermínios. Em seus capítulos, a autora apresentou diversas reflexões sobre o tema, buscando sempre uma compreensão crítica do fenômeno da perversão através de seus personagens históricos.

O fenômeno psíquico da perversão foi tratado por Freud mais especificamente em seu livro "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" de 1905 onde o apresentou como um funcionamento psíquico diferente da neurose e da psicose. Em sua definição sobre a perversão, Freud apontou-a como uma conduta sexual que não visava a genitalidade. Assim, qualquer ato sexual cujo objetivo não fosse a satisfação genital, seria considerado perverso, como por exemplo, a masturbação, a homossexualidade, o voyeurismo, entre outros.

Posteriormente, em 1919, Freud relacionou a perversão à relação edípica. Na estrutura perversa, o sujeito não é capaz de aceitar a castração edípica, não se submetendo às leis paternas e, posteriormente, às leis que regem a sociedade. Diferente do psicótico, ele não rejeita a realidade e diferente do neurótico, ele não recalca seus desejos.

Em 1927, em um texto sobre o fetichismo, Freud abordou novamente a questão, observando que uma cisão do ego funcionaria como uma defesa psíquica que marcaria a estrutura perversa. Lacan, retomou a ideia de Freud sobre a perversão em seu Seminário 5 de 1956, onde reafirmou a perversão como uma recusa da castração edípica e como uma estrutura distinta da neurose e psicose.

O filósofo historiador Foucault também trouxe contribuições sobre o tema em seu livro “História da sexualidade” de 1984. Nesse livro, o autor analisou historicamente a questão da sexualidade e, através dessa proposta, apresentou os significados históricos da perversão, bem como o que era classificado como tal.

Como foi observado pela breve apresentação, o fenômeno da perversidade foi conceituado ao longo dos tempos por diferentes autores, porém, sempre sob um olhar para anomalia que esse apresenta para a sociedade, ou seja, com um caráter estrutural e patológico. Em seu livro, porém, Roudinesco, lança uma ideia sobre o modo como tratará a questão. Longo no título do livro “A parte obscura de nós mesmos” a autora já traz uma concepção diferente da perversão: ao contrário do lugar comumente destinado ao fenômeno da perversão como doença, como algo abominável e presente no outro, naquele que está fora, ela defende a ideia de que a perversão está em todos nós, é uma parte de todos e está em “nós mesmos”. Nesse sentido, todos os indivíduos possuiriam um traço perverso, contudo, em seu livro, a autora se atenta para analisar os casos que chamaram atenção ao longo dos séculos, tamanha estranheza que provocou.

No capítulo “As confissões de Auschwitz”, Roudinesco retratou o nazismo e abordou três principais figuras participantes desse evento histórico. A seguir, estão as principais considerações sobre a perversidade.

Auschwitz

A maldade – perversão e maldade serão tratadas como semelhantes, seguindo a apresentação dos conceitos de Elisabeth Roudinesco – é um tema bastante discutido e controverso. Autores como os citados abordam o tema sobre perspectivas as vezes divergentes, as vezes complementares. Ao longo da história da humanidade foram registrados diversos relatos de fatos cujo grau de maldade ou perversidade foi acentuado e aterrorizante. Na época medieval e até mesmo antes, eram comuns práticas de torturas em máquinas engenhosas e assassinatos ao ar livre.

Um dos eventos humanos, ainda muito recente, que motivou o questionamento sobre o tema foi o genocídio praticado em Auschwitz, na Alemanha entre 1940 e 1945. Durante a Segunda Guerra Mundial o movimento nazista tomou força se expandindo por grandes territórios. Uma prática comum eram os campos de extermínios usados para matar milhões de pessoas, todas aquelas consideradas, pelos alemães, de uma raça humana inferior e portanto passíveis de serem eliminadas de forma a manter a pureza da espécie.

Dezenas de campos de concentração foram criados, sendo que Auschwitz ficou conhecida como o local cujas instalações de extermínio foram responsáveis por um dos maiores números de assassinatos tanto de judeus como de prisioneiros de guerra. O que explicaria o extermínio de massas com a justificativa de uma limpeza étnica? Como isso foi possível em um dos países europeus mais civilizados? Essas são algumas das questões levantadas quando se pensa no acontecido.

Roudinesco (2008) inicia o capítulo do livro em questão, citando o livro *Dialética do Esclarecimento* (1947) de Theodor Adorno e Max Horkheimer. Os autores deste livro apontam questionamentos sobre a ideia iluminista. Trazem que o processo de esclarecimento, segundo o Iluminismo, libertaria os indivíduos dos dogmas religiosos e sociais. Kant, um dos mais influentes teóricos dessa época, acreditava que a maioria da humanidade seria conquistada à partir do uso da razão e a ciência como seu principal instrumento (ROUDINESCO, 2008).

A partir do séc. XVII a ideia iluminista era a que estava em voga. Porém, após a Segunda Guerra Mundial, houve uma transformação ideacionária, onde toda a concepção iluminista passou a ser questionada quando os conhecimentos tecnológicos criados pela razão, como a bomba atômica, foram utilizados para exterminar um número de pessoas jamais antes alcançado. A principal questão colocada é que justamente aquilo que foi concebido pela razão tornou-se algo tão destrutivo e maléfico quanto muitos dogmas religiosos e sociais da época.

Na sociedade iluminista onde a técnica e o discurso da ciência são os únicos possíveis, o objetivo é que haja um desencantamento do mundo, os mitos que antes explicavam a realidade foram substituídos pelo discurso da ciência e a imaginação, pelo saber (ADORNO e HORKHEIMER, 1947). Os sujeitos desencantados são sujeitos ociosos, esvaziados e portanto mais fáceis de aderir aos discursos de massa. Dessa forma, colocou Roudinesco (2008), novas formas de totalitarismo seriam possíveis por meio do ingresso da humanidade na cultura de massa e na planificação biológica da vida.

Roudinesco (2008) trouxe também os questionamentos de Hannah Arendt, após a mesma acompanhar o julgamento de Adolf Eichmann, responsável pela eliminação de mais de cinco milhões de judeus. A filósofa concluiu que Eichmann não era um perverso, mas sim normal, pavorosamente normal em uma sociedade em que o crime virou norma. Dizia que "obedecia ordens". Seria um tipo de criminoso que praticava crimes em condições tais que não se pode nem saber ou sentir que praticou o mal. O fato de ter recebido uma ordem faria com que ele se eximisse de culpa.

Para Lacan o Marquês de Sade era o passo inaugural de uma subversão de que Kant, um dos principais teóricos do Iluminismo, havia sido o ponto de virada. Essa figura simbólica do século XVIII, da qual Roudinesco dedicou o segundo capítulo de seu livro sobre a perversão, ficou conhecido pelas suas obras literárias libertinas, que tinham como utopia a inversão da Lei. O mal no sentido sadiano era equivalente do bem segundo Kant. Ambos enunciavam o princípio de uma submissão do sujeito à Lei: "Deves gozar" x "Deves livrar-te da patologia". Dessa forma para Lacan a moral kantiana surgia não de uma teoria da liberdade, mas de uma teoria do desejo na qual o objeto era recalcado (ROUDINESCO, 2008).

Em Auschwitz a ideia de que a patologia deveria ser eliminada foi levada as suas últimas consequências. Assim, baseados em estudos científicos buscava-se domesticar a seleção natural das espécies. A autora cita Saul Friedländer que acredita que a principal característica do regime nazista, que o diferencia de todos os outros, foi a criação de critérios sobre quais grupos teriam o direito de viver sobre a terra. O crime, portanto, era cometido em nome de uma norma racionalizada e não mais enquanto uma expressão de uma transgressão. Aqui se diferencia o criminoso sadiano do nazista, o primeiro ligado a uma natureza selvagem, indomável e o segundo incorporando a fala do Estado.

Além disso, o que também chamou atenção no regime nazista e nos assassinatos cometidos nos campos de extermínio foi a forma como seres humanos foram eliminados. Diversas formas de tortura e experimentos científicos desumanos foram empregados nesse processo. Isso marcou um prazer despertado nos exterminadores que cada vez mais intensificavam e tornam mais cruéis a forma de extermínio. É a marca de um sistema perverso, que visava o extermínio permeado por algo para além do simples assassinar, para algo que ia para a linha de um prazer no ato em si.

Em um mundo ocidental laico onde o discurso hegemônico é o científico, segundo Roudinesco (2008), a resposta jurídica à questão do mal só poderia vir a partir de uma psicologia científica. A autora apontou que as análises produzidas pela medicina positivista ou pela psicanálise apresentavam o perigoso problema de tentar provar que apesar da aparente normalidade os genocidas são de fato seres perversos.

Para ela a questão não é a perversão no sentido clínico mas a adesão total a um sistema perverso, que sintetiza sozinho o conjunto de todas as perversões possíveis. Nessa estrutura perversa está excluída qualquer possibilidade de sublimação. Em comum a todos os genocidas haveria a renegação de seus atos. "a adesão fanática a um sistema perverso leva a uma renegação primordial do ato." (Roudinesco, 2008 p.136).

A tese principal de Roudinesco é que o genocídio não está ligado a estados mais primitivos do homem. Ele não acontece em uma terra sem lei. Ao contrário ele é fruto de uma extrema racionalização, de um discurso científico que se coloca como única verdade, de uma organização social extrema.

Figuras do nazismo

A exemplo disso, Roudinesco apresentou três figuras do nazismo que ilustram a perversidade do sistema e a extrema racionalização adotada pelos assassinos. São eles: Rudolf Höss, Kurt Gerstein e Josef Mengele.

O primeiro foi julgado pelo extermínio de quatro milhões de pessoas. Höss, após ter sido capturado, confessou seu crime e justificou-o culpabilizando as próprias vítimas e colocando-se como um "herói de bom coração". Segundo ele, seus atos de assassinato eram apenas um favor prestado às vítimas que desejavam se libertar de suas condições infames. Ele estaria apenas concedendo um serviço às mesmas. O que chama atenção nesse caso é a forma como Höss se colocou frente ao crime cometido. Em momento algum Höss buscou se eximir da responsabilidade de seu ato (como fizeram tantos outros). Segundo Roudinesco (2008, p.154) é

pelo “poder da renegação perversa pela qual Höss consegue convencer a si próprio daquilo que não quer ouvir, nem ver, nem sentir”

Rudolf Höss casou-se e teve muitos filhos. Segundo a biografia apontada pela autora, a esposa e os filhos se guardavam ignorantes à situação dos campos de concentração e o movimento perverso no qual o nazismo estava inserido. Höss apresentava-se um homem culto que foi responsável pela execução de milhões de seres humanos. A renegação perversa de seus atos, como apontou a autora, o convencia de uma realidade fantasiada onde ele era soberano às leis e a vida alheia.

Kurt Gerstein, outro representante do movimento nazista, foi o engenheiro de minas responsável pelo fornecimento do gás Zyklon B aos campos de extermínio. O produto usado nas câmaras de gás produzia asfixia nas vítimas e era comercializado a um baixíssimo preço. Em certo momento, Gerstein viu-se horrorizado pelo efeito asfixiante provocado pelo gás e passou a sentir-se ambivalente em relação ao sistema no qual estava inserido. Nessa ambivalência, Gerstein passou a, ao mesmo tempo, sabotar os produtos numa tentativa “humanizar” a morte das vítimas e fornecer informações aos Aliados sobre a implementação da Solução Final ao longo dos últimos meses de guerra.

Gerstein entregou-se às autoridades francesas e redigiu um depoimento inédito sobre as câmaras de gás, cometendo suicídio logo após. Ao mesmo tempo em que Gerstein rebelava-se contra o sistema perverso nazista, continuava a aderir a ele. Ao fim, pagou com a própria vida como que para se punir da participação no campo da inversão da Lei.

Por fim, Roudinesco apresentou a figura de Josef Mengele, um “cientista” fascinado por anormalidades. Em 1943, Mengele foi levado ao Birkenau para realizar experimentos sobre patologias hereditárias. Lá, exterminou bebês, crianças e jovens. Mengele se interessava, mais especificamente por gêmeos, anões e siameses. Mengele desenvolveu um ritual mortífero onde seduzia as crianças gêmeas com boas refeições e doces e, depois, as colocava em experimentos desumanos. O mesmo se dava com os anões, Mengele selecionava pessoalmente anões e os obrigava a participarem de rituais onde deveriam se maquiar e vestir de forma aberrante. Mengele fugiu de Auschwitz pouco antes de sua destruição, sendo “capturado” em território americano apenas 1992 *post mortem*.

Os três assassinos guardam características semelhantes. Ao mesmo tempo em que aderem a um sistema perverso, os três apresentam-se como homens cultos e elegantes. Consideravam estarem fazendo um bem, pois acreditavam que estavam livrando o mundo dos verdadeiros perversos, os judeus, que eram responsáveis pela degradação da raça alemã. Por outro lado, nota-se que, como é o caso de Gerstein, houve um momento de ambivalência em relação ao sistema perverso. Ainda sim, o sentimento de culpa não foi suficiente para dar fim à participação no sistema nazista.

Perversão em Winnicott

A perversão é abordada de diferentes formas de acordo com a escola psicanalítica. Na Escola Francesa de Jacques Lacan a perversão é caracterizada como uma estrutura clínica que resiste a abordagem analítica. Muitos autores da Escola Inglesa e Americana, publicam trabalhos relatando êxito ou resultados satisfatórios na abordagem de sujeitos ditos perversos. (CECCARELLI, 2011).

É possível que essa discrepância se dê também pela diferença do que é considerado perversão em cada Escola Psicanalítica. Aqui trataremos mais enfaticamente da Escola Psicanalítica Inglesa, mais especificamente das teoria winnicottianas.

No desenvolvimento normal de um bebê ele tem a ilusão de que está criando exatamente aquilo que necessita. Com o passar do tempo, a mãe vai frustrando o bebê, gradativamente e de forma que esse consiga suportar a frustração sem prejuízos para seu desenvolvimento emocional. A partir dessas pequenas doses de frustração, o bebê passa a compreender que não é ele quem cria o objeto que necessita e sim a mãe, um objeto externo a ele que lhe é apresenta o mundo.

Entende-se que no perverso, o processo de adaptação do bebê ao ambiente é falho logo no início do desenvolvimento emocional do bebê. Isso é suficiente para criar uma marca. Quando isso acontece durante o início do desenvolvimento emocional do bebê há o registro dessa falha. Considera-se uma falha como o não atendimento de uma necessidade do bebê ou a interrupção abrupta do mesmo. Nesse momento, o bebê não estava preparado para perder o objeto de satisfação e sente-se extremamente angustiado (WINNICOTT, 1987).

Toda falha ambiental gera uma interrupção no desenvolvimento emocional do bebê. Essa interrupção pode ser rápida e logo corrigida pela mãe (ou cuidador) ou então, pode se repetir ao longo do tempo e a depender da frequência com que acontecem e sua intensidade, o desenvolvimento emocional do bebê é significativamente prejudicado (WINNICOTT, 1987).

As constantes falhas e ausências de reparação, provocam, além da interrupção do desenvolvimento emocional do bebê, uma cisão entre as reais necessidades do bebê e as exigências do ambiente. Nesse sentido, desenvolve-se uma estrutura que Winnicott (1983) denominou falso *self*. Todos nós apresentamos uma estrutura falso *self* que, a princípio não é patológica e se caracteriza como um *self* mais sociável e respeitoso das leis sociais. Seria a parte do *self* que se adapta ao socialmente aceito. Porém, quando o ambiente não consegue atender às necessidades do bebê e o mesmo também não consegue atender às necessidades do ambiente, é possível o desenvolvimento de uma estrutura mais patológica como é o caso da esquizofrenia (WINNICOTT, 1983).

A somatória desses eventos, favoreceria o que Winnicott conceituou como “tendência antissocial”. Essa tendência surgiria logo na infância, se acentuando na adolescência e idade adulta posteriormente. O que marca a tendência antissocial é a busca constante do indivíduo pela reparação das falhas que sofreu. Nesse sentido, o indivíduo busca testar as leis a sua volta. Inicialmente, quando ainda criança, é comum, em pessoas que apresentam traços de tendência antissocial, a tentativa de burlar os limites impostos pelos pais ou responsáveis. Quanto mais o ambiente não é capaz de conter essa criança, de assegurar-lhe seu lugar de criança e não de adulto, mais provável é o desenvolvimento da tendência antissocial (WINNICOTT, 1987).

O autor teve experiências em atendimentos com crianças que apresentavam tendência antissocial e alertou para a necessidade de algo no ambiente que possa impedir a criança de continuar sua busca pela reparação. Quando a mesma não encontra essa barreira que a contenha e a proteja de si mesma, ela passa a procurar essa reparação em ambientes mais amplos, como é o caso da sociedade como um todo. Assim, essa busca implicaria na transgressão às leis sociais.

O perverso, à luz das contribuições de Winnicott sobre o desenvolvimento emocional, seria aquele indivíduo que visa, por meio da transgressão, a satisfação de necessidades que não foram atendidas. Assim, ele procura prazer no outro, usando-o como objeto de sua satisfação, porém, sempre em busca daquilo que julga ser seu por direito. Para o perverso, o mundo deve adaptar-se às suas necessidades e, assim como o bebê que alucina a criação do seio, o perverso não é capaz de compreender a realidade objetiva, alucinando (não no sentido psicótico) uma realidade que lhe convém.

Para o perverso é inconcebível a ideia da não realização daquilo que ele deseja e julga necessitar. Assim, o extermínio de milhões de pessoas, como o ocorrido em Auschwitz ilustra a que ponto pode chegar um sistema perverso, onde tudo é possível e alcançável. Num sistema onde o desejo do outro está subjugado, não tem espaço e se quer é percebido. Assim como o bebê, o perverso só é capaz de enxergar aquilo que acredita necessitar, transgredindo as leis e normas sociais em busca dessa satisfação e reparação.

Emancipação pela razão e amadurecimento emocional

Retomando a ideia de Kant sobre a importância da razão para emancipação humana e a ciência como expressão máxima da razão e a relacionando com a teoria de Winnicott de amadurecimento pessoal, maneira pela qual a autonomia é conquistada, é possível perceber diferenças radicais. As diferenças entre essas duas teorias, também pode ser aplicada à forma como se compreende o fenômeno perverso apresentado no nazismo. Os ideais iluministas podem ser questionados quando constatamos que a racionalidade não está necessariamente a serviço do sujeito, ou do homem, mas historicamente acabou significando instrumento de dominação. Houve o desenvolvimento de formas mais sofisticadas de dominação, mas não de soluções para questões humanas essenciais como a miséria e a fome.

Já para Winnicott, o processo de amadurecimento pessoal acontece quando:

"(...) o homem ou a mulher sintam que estão vivendo sua própria vida, assumindo responsabilidade pela ação ou pela inatividade, e sejam capazes de assumir os aplausos pelo sucesso ou as censuras pelas falhas. Em outras palavras, pode-se dizer que o indivíduo emergiu da dependência para a independência, ou autonomia" (1989, p.22).

O processo de amadurecimento, por sua vez, acontece quando o ambiente é capaz de oferecer um *holding*:

"O segurar pode ser feito, com sucesso, por alguém que não tenha o menor conhecimento intelectual daquilo que está ocorrendo com o indivíduo; o que se exige é a capacidade de se identificar, de perceber como o bebê está se sentindo." (1989, p.22).

Portanto a autonomia para Winnicott seria alcançada a partir de algo que não se liga a racionalidade, mas sim ao cuidado e a capacidade de sustentar esse cuidar. A relação entre o indivíduo e seu meio, nunca deve ser de total adaptação, ao contrário, desde o início a mãe-ambiente deve adaptar-se na medida do possível, às necessidades do bebê: "Pode ser muito útil postular que o meio ambiente satisfatório começa com um alto grau de adaptação às necessidades individuais da criança." (WINNICOTT, 1989 p.18). Trata-se de uma adaptação que favorece o desenvolvimento do outro. Assim, quando a mãe tenta adaptar-se ao máximo às necessidades do

bebê, essa é capaz de suprir sem, porém, invadir o bebê, sufocando-o com uma adaptação exagerada.

Sobre a denominada por Winnicott primeira mamada teórica, Safra (2005), colocou que é a partir dela que a criança concebe uma ideia sobre o que necessita. É um momento em que pela primeira vez o bebê, a partir de suas necessidades, faz um gesto e a mãe coloca o seio ali, e dessa forma acontece um encontro. Esse primeiro gesto seria feito a partir de uma alucinação, no sentido de um imaginário que possa ser projetado.

Essa alucinação seria vazia, visto que não seria fruto da experiência. Safra (2005) apontou o quanto a maneira com que geralmente se pensa a realidade como algo dado a priori. A partir desse conceito é possível pensar um tipo de manifestação onírica que se apresenta como fruto de um processo alucinatório, um sonho vazio, ou seja, que não é fruto da experiência.

Esse sonho se manifestaria como um anseio sem realização. Para Winnicott, o motor fundamental seria não o desejo, fruto de uma experiência, mas do "anseio por si, algo que é o eixo fundamental em todo processo maturacional, o anseio pelo próprio devir: esperança" (SAFRA, 2005 p. 20).

Desse modo é possível pensar que o processo de amadurecimento pessoal, a partir de Winnicott, tem como ideia desde o início a importância de que o ambiente tenha espaço e reconheça aspectos da subjetividade de cada indivíduo. Assim, a perplexidade frente a barbárie cometidos por povos civilizados e com alto grau de desenvolvimento tecnológico, pode ser reposicionada, a partir da ideia de que a racionalidade nada tem a ver com a maturidade ou saúde emocional. Em uma sociedade em que apenas um discurso é possível e a criatividade tenta ser eliminada pela razão, como se fosse algo prejudicial, a possibilidade de desenvolvimento dos sujeitos ficam comprometidas.

A experiência cultural

Um aspecto importante do nazismo foi a censura em relação às produções culturais e o monopólio dos meios de comunicação como forma de propaganda política. Sobre essa questão Pereira (2003) define que:

“Em qualquer regime a propaganda é estratégica para o exercício do poder, mas adquire uma força muito maior naqueles em que o Estado, graças à censura ou monopólio dos meios de comunicação, exerce rigoroso controle sobre o conteúdo das mensagens, procurando bloquear toda atividade espontânea ou contrária à ideologia oficial. O poder político, nesses casos, conjuga o monopólio da força física e da força simbólica; tenta suprimir, dos imaginários sociais, toda representação do passado, presente e futuro coletivos que seja distinta daquela que atesta a sua legitimidade e cauciona o controle sobre o conjunto da vida coletiva. Em regimes dessa natureza, a propaganda política se torna onipresente, atua no sentido de aquecer as sensibilidades e tende a provocar paixões, visando a assegurar o domínio sobre os corações e mentes da massa” (p.102).

Arquitetura da Destruição (1989), é um documentário sobre o nazismo em que fica evidente a forma como as produções culturais foram usadas a serviço da dominação das massas. Nele aparece a censura das obras modernistas, tidas como doentias, e de qualquer manifestação artística criativa, diferente da ideologia nazista. Além disso mostra o planejamento da construção de um ideal de nação, embasado em estudos científicos e na busca da "raça pura".

Dessa forma é possível pensar que no nazismo houve um importante empobrecimento das possibilidades de experiência cultural dos sujeitos imersos nessa sociedade. Isso favoreceu a adesão ao sistema nazista, daqueles “pavorosamente normais” citados por Roudinesco. Pois tanto para Freud quanto para Winnicott a cultura é algo crucial na constituição da subjetividade (BIRMAN, 2008).

Segundo Birman (2008) uma das genialidades de Winnicott foi dar ênfase ao estudo do espaço existente entre realidade interna e externa. O *espaço transicional* seria a matriz da experiência cultural. A certeza efetiva de *ser* acontece ao infante a partir da criação ilusória de um objeto. A permanência desse objeto, mesmo que forjado ilusoriamente, tem o efeito de possibilitar que a potência de ser se constitua de forma progressiva no bebê. Se há uma mãe suficientemente boa, é possível que o infante viva experiências cruciais de ilusão e separação do corpo materno, ocorrendo dessa forma uma experiência consistente de desmame. A partir disso a criança experimenta a crença na sua continuidade de ser, organizando-se como um *self* verdadeiro. Essas seriam as condições favoráveis para esteja vivo, podendo sonhar e brincar, ou seja, ser criativo.

Já no falso *self*, ou em psiquismos marcados por essa insegurança ontológica, o mecanismo de defesa seria a dissociação e não o recalque: "em outros termos, cada um dos fragmentos dissociados é uma ilha isolada das demais, e as ilhas em seu conjunto não constituem um continente" (BIRMAN, 2008 p.17).

O autor ainda complementa:

“Nesse contexto, resta ao psiquismo a possibilidade de *fantasiar*, modalidade de ser em que se torna patente o alheamento do *self* em relação ao outro e ao mundo. (...) Nessa modalidade de subjetividade, portanto, o laço com a vida permanece inibido e prejudica de maneira ostensiva, a criatividade do verdadeiro *self*” (BIRMAN, 2008 p.17)

Para problematizar ainda mais a questão das possíveis falhas na capacidade do sujeito de realizar a experiência cultural, Naffah Neto (2007) coloca a noção de experiência como um conceito diferencial entre sanidade e loucura a partir do pensamento de Winnicott. O falso *self* seria uma defesa contra as falhas ambientais e também uma defesa contra as próprias pulsões:

“Isso significa dizer que, tudo aquilo que o falso *self* recebe como impacto, seja do ambiente ou dos impulsos vitais, não chega ao *self* verdadeiro ou chega intensamente filtrado, não podendo, pois, ser processado como **experiência**, ou sendo processado de maneira parcial ou lacunar” (NAFFAH NETO, 2007 p.233).

A partir das ideias de Winnicott sobre a experiência cultural é possível refletir sobre os problemas de uma sociedade ou de um sistema político em que não há espaço para a criatividade ou para uma experiência cultural verdadeira.

DISCUSSÃO

A partir das reflexões de Roudinesco a cerca do tema da perversão em relação a Auschwitz é possível tecer algumas considerações. A normalidade dos sujeitos que cometeram o genocídio praticado durante o nazismo, coloca em cheque a classificação destes como perversos. Essa classificação estaria relacionada à hegemonia do discurso científico de nossa época. No entanto,

entender o genocídio em questão como algo perverso, implica em negar a perversidade na normalidade e em todos nós.

A questão principal em Auschwitz não foi a transgressão da lei, ou atos selvagens e primitivos, mas sim a adesão maciça a um sistema perverso, a um ordenamento social extremamente racionalizado, onde não há espaço para sublimação.

O que o estudo de sujeitos como Rudolf Hoss permite é compreender como a adesão a um sistema racionalizado é possível através da renegação de seus atos. Esse sistema permite que o sujeito convença a si mesmo sobre aquilo que ele não quer ver, nem ouvir, criando uma realidade fantasiada.

A partir dos conceitos de Winnicott é possível ampliar algumas reflexões trazidas. Para Winnicott o sujeito perverso atuaria dessa forma à partir de falhas em seu desenvolvimento emocional, o que acarretaria o estabelecimento de um falso *self* e tendências ao comportamento antissocial. A defesa psíquica no falso *self* seria de dissociação e não de recalque, permitindo que o sujeito não entre em contato com os aspectos de seu *self* de forma integrada, podendo ele cometer, por exemplo, o assassinato de milhares de pessoas e em seguida voltar para casa para cuidar de seus filhos, sem que isso gere qualquer tipo de conflito.

Se não é possível desenvolver um verdadeiro *self*, também não é possível a vivência de uma experiência cultural verdadeira, algo essencial ao amadurecimento emocional. A experiência cultural é oposta à adesão maciça a uma ordenação social, de forma que a criatividade e subjetividade se contrapõem à ordem unicamente normativa.

Há em todos nós a possibilidade de criar defesas relacionadas ao falso *self*, que possui características altamente adaptativas às regras sociais. Por isso a importância de um sistema político e social que permita ser permeado por manifestações subjetivas e criativas, que possibilitem a coexistência de várias verdades, em contraposição ao discurso único, seja científico, fascista, ou de qualquer ordem.

Questiona-se se atualmente também não há a produção de discursos únicos ou hegemônicos, ainda que não sejam de formas tão sistemáticas quanto foi observado em regimes totalitários. Questiona-se se a ciência ainda não se constitui como um discurso mais poderoso e "verdadeiro" que outros e ainda se a mídia não contribui para reforçar discursos que mantêm a organização social, reforçando desigualdades históricas. Um exemplo disso é a divulgação de notícias exclusivamente negativas sobre a pobreza ou áreas periféricas das cidades, muitas vezes enfatizando aspectos da violência desses locais, contribuindo ainda mais para a exclusão dessa população.

Por fim, questiona-se sobre as funções das redes sociais, que por um lado facilitam a divulgação de informações de diversas fontes, porém podem ser usadas como mera reprodução dos discursos sociais hegemônicos, caso não haja uma reflexão verdadeira sobre os conteúdos divulgados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que atos perversos podem ser praticados por sujeitos normais, sendo possível renegar a essência de seus atos. A adequação social extrema e a hegemonia de um discurso social racional e único são características que puderam ser observadas no genocídio praticado em Auschwitz.

Se o estabelecimento de um *self* falso contribui para que não haja contato com o significado dos atos cometidos, a experiência cultural é essencial para o desenvolvimento emocional. Por fim, a questão sobre como foi possível ocorrer um extermínio de massas de tamanha proporção em um dos povos tidos como mais civilizados do mundo, reposiciona-se a pergunta de forma a refletir o que uma civilização baseada no desenvolvimento tecnológico, racional e científico, tem a ver com uma civilização psicologicamente saudável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W. e HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. 1947. Disponível em: <http://antivalor.vilabol.uol.com.br>. Acesso em 16/11/2014.

ARQUITETURA da destruição. Direção: Peter Cohen. Cult Filmes, 1989. Suécia, 1 DVD (123 min). Título original: *Undergångens arkitektur*.

BIRMAN, J. Criatividade e sublimação em psicanálise. *Psicologia Clínica*, v.20, n.1, p.11-26, 2008.

CECCARELLI, P. R. As possíveis leituras da perversão. *Estudos de Psicanálise*, v.36, p.135-148, 2011.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Coleção Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1905/1973.

FREUD, S. *História de uma neurose infantil*. Coleção Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1919/1996.

FREUD, S. *Futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Coleção Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. 21, 1927.

LACAN, J. *Seminário 5 – “a formação do inconsciente”*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1956/1999.

NAFFAH NETO, A. A noção de experiência no pensamento de Winnicott como conceito diferencial na história da psicanálise. *Natureza Humana*, v.9, n.2, p.221-241, 2007.

PEREIRA, W. P. Cinema e propaganda política no fascismo, nazismo, salazarismo e franquismo. História: *Questões & Debates*, v.38, p.101-131, 2003.

ROUDINESCO, E. A parte obscura de nós mesmos: Uma história dos perversos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

SAFRA, G. *Revisitando Piggie: um caso de psicanálise segundo na demanda*. São Paulo: Edições Sobornost, 2005.

WINNICOTT, D. W. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WINNICOTT, D. W. *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WINNICOTT, D. W. (1983). Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro self. In: D. W. WINNICOTT. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983. p. 128-139.